ISSN: 2358-8829

ENTRE O LISO E O ENCARACOLADO: A NARRATIVA DE MULHERES NEGRAS SOBRE SEUS CABELOS

Eliane de Campos Viegas [1]
André Luiz Souza Silva [2]

INTRODUÇÃO

O cabelo é uma característica corporal visível e socialmente significada. Ao longo do tempo, diferentes sociedades atribuíram sentidos culturais, políticos e simbólicos aos penteados, às texturas e às formas de apresentação dos cabelos. No caso das mulheres negras no Brasil, a experiência com os cabelos crespos e cacheados está relacionada a uma história de hierarquização racial e de valorização de padrões estéticos que aproximam a beleza feminina de características brancas, como cabelos lisos e determinados traços físicos.

A imposição desse padrão não se manifesta apenas na publicidade ou na indústria da beleza. Ela também aparece nas relações cotidianas, por meio de comentários, apelidos, constrangimentos e expectativas sobre a aparência. Em ambientes escolares, por exemplo, crianças e adolescentes podem ser alvo de ofensas relacionadas à textura dos cabelos. Essas experiências não são banais: podem produzir sentimentos de inadequação, afetar a autoestima e influenciar a maneira como meninas e mulheres negras percebem a própria identidade.

Este trabalho retoma e reorganiza uma pesquisa realizada em 2016, intitulada “As mulheres negras entre o cabelo liso e o cabelo encaracolado”, ampliando sua apresentação em formato de artigo para discutir a relação entre discriminação, estética e identidade. A reflexão parte do entendimento de que o cabelo crespo não é, em si, um problema a ser corrigido. O problema está nos sentidos depreciativos construídos socialmente e na

[1] Mestranda em Ensino de História pelo Programa de Pós-Graduação ProfHistória da Universidade Federal da Paraíba, e Professora de Educação Básica no Município de Itapororoca-PB. E-mail: eliane27viegas@gmail.com;
[2] Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (PROLING/UFPB), sob orientação do Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena, e Professor de Educação Básica no Município de Itapororoca-PB. E-mail: andreluiz.bans@gmail.com;

pressão para que mulheres negras modifiquem sua aparência a fim de se aproximarem de um padrão considerado legítimo.

O objetivo geral é analisar como os padrões de beleza e o preconceito relacionado à textura dos cabelos atravessam as experiências de mulheres negras e interferem nos processos de construção e afirmação de suas identidades. De modo específico, busca-se discutir a historicidade da desvalorização estética dos traços negros; compreender como os relatos das participantes expressam situações de discriminação e estratégias de enfrentamento; e refletir sobre a valorização dos cabelos crespos e cacheados como possibilidade de reconhecimento e resistência.

A discussão é relevante porque permite compreender que as escolhas estéticas não acontecem isoladas das relações sociais. Ao tratar do cabelo, discutem-se também racismo, pertencimento, memória, representação e acesso ao reconhecimento. Essa reflexão pode contribuir para práticas educativas que valorizem a diversidade e enfrentem a reprodução de estereótipos no cotidiano escolar.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O artigo constitui uma retomada analítica de pesquisa qualitativa desenvolvida em 2016. O percurso metodológico registrado no trabalho original articulou pesquisa bibliográfica e entrevistas com mulheres negras, buscando compreender suas experiências e percepções acerca dos cabelos lisos, crespos e cacheados. A revisão bibliográfica mobilizou estudos sobre identidade negra, cultura, beleza e discriminação racial, enquanto as entrevistas permitiram aproximar a discussão das vivências cotidianas das participantes.

O estudo original informa a realização de entrevistas com oito mulheres negras, com idades entre 16 e 42 anos. Entre as participantes havia mulheres que mantinham os cabelos crespos ou cacheados, mulheres que alisavam os fios e mulheres que haviam passado por mudanças nessa escolha. Para preservar a identidade das entrevistadas, os depoimentos foram apresentados por meio de iniciais e códigos, acompanhados, em alguns casos, da idade. Neste artigo, esses relatos são retomados de forma temática, sem

acrescentar novas entrevistas ou atribuir às participantes informações que não constam no trabalho de origem.

A análise foi organizada em três eixos: a permanência de estereótipos e práticas discriminatórias contra mulheres negras; a construção social do padrão de beleza e a classificação dos cabelos como “bons” ou “ruins”; e as experiências de sujeição, aceitação e valorização dos cabelos naturais. Por se tratar da reelaboração de uma pesquisa anterior, não são apresentados dados de campo novos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A discussão sobre cabelo e identidade exige considerar que os padrões de beleza são construções históricas e culturais, e não referências universais ou naturais. Gomes (2003) chama atenção para a dimensão simbólica do corpo negro e do cabelo crespo, que podem ser interpretados como marcas de pertencimento, memória e identidade. Nessa perspectiva, o cabelo participa da maneira como o sujeito é visto socialmente e de como constrói a percepção de si.

A valorização de um ideal estético branco contribuiu para que características associadas à população negra fossem frequentemente tratadas como inadequadas. No caso dos cabelos, a oposição entre “cabelo bom” e “cabelo ruim” transforma uma diferença de textura em hierarquia de valor. Sant’Anna (2014), ao discutir a história da beleza no Brasil, permite situar os padrões estéticos em processos históricos e em práticas de consumo que influenciam a maneira como os corpos são apresentados e avaliados.

A identidade, por sua vez, não é fixa nem resulta exclusivamente de características biológicas. Silva (2002) compreende sua formação em relação aos significados sociais e às interações estabelecidas com os outros. Assim, quando a sociedade associa o cabelo crespo a algo negativo, essa representação pode ser incorporada pelos próprios sujeitos, produzindo conflitos e tentativas de adequação. Em sentido contrário, a valorização da estética negra e o reconhecimento de referências positivas podem favorecer outras formas de identificação.

Pereira (2002) contribui para compreender a identidade racial como resultado de interpretações sociais e culturais atribuídas a características físicas. Desse modo, não é a textura do cabelo que determina uma identidade ou seu valor, mas os sentidos historicamente construídos em torno dela. A crítica ao racismo estético exige, portanto, questionar as hierarquias que transformam diferenças em desigualdades.

A valorização dos cabelos crespos e cacheados também se relaciona a práticas coletivas de afirmação. Gomes (2003) destaca a importância cultural do cabelo para diferentes grupos negros, enquanto a presença de salões especializados, penteados e produtos específicos pode compor espaços de cuidado e reconhecimento. Entretanto, a existência de um mercado voltado a esses cabelos não significa que o preconceito tenha desaparecido. A transformação precisa alcançar também as relações sociais e as representações que sustentam a discriminação.

Também é observado por Braga (2015) certa "hierarquização estética" promovida pelos colonizadores e perpetuada pelos próprios colonizados. Significa dizer que, no sistema escravista, existiu uma preferência voltada para os negros com o cabelo "menos crespo", pois assim estavam associados a padrões europeus.

Falar sobre cabelo é importante, pois trás memória, cultura, resistência. Esse símbolo de identidade cultural, como diz Dijaimila Pereira (2017), cruza fronteiras e transpassa memórias e caminhos. O cabelo crespo foi – e continua sendo –, assim como a cor da pele, um dos principais símbolos identitários da negritude. É que bom que na atualidade temos movimento de valorização e várias mulheres passando pelo processo de transição capilar, para resgatar suas identidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Discriminação racial e experiências cotidianas

A pesquisa original evidencia que o preconceito relacionado ao cabelo aparece em diferentes momentos da vida das entrevistadas. Os relatos recuperados mencionam apelidos, comentários depreciativos e olhares de estranhamento, inclusive durante a infância e a adolescência. Uma participante recorda que colegas faziam comentários sobre seus cabelos crespos; outra relata ter ouvido expressões que associavam o cabelo a algo

feio. Esses episódios mostram como a discriminação pode ser aprendida e reproduzida nas relações cotidianas, inclusive entre crianças.

O espaço escolar merece atenção porque é um ambiente de formação, convivência e construção de referências. Quando apelidos racistas são tratados como brincadeiras ou quando a escola silencia diante deles, contribui-se para a naturalização da violência. A pesquisa aponta a importância de uma educação que apresente positivamente a história e as contribuições da população negra, em vez de restringir sua presença à escravidão ou a representações inferiorizadas. Essa responsabilidade envolve práticas pedagógicas, materiais didáticos e intervenções diante de situações discriminatórias.

O padrão de beleza e a classificação dos cabelos

Outro resultado central diz respeito à força do padrão estético que privilegia cabelos lisos. No trabalho original, o alisamento aparece em alguns relatos como tentativa de evitar comentários, obter aceitação ou aproximar-se do padrão socialmente valorizado. Isso não significa que toda mulher negra que alisa o cabelo rejeite sua identidade, nem que o cabelo natural seja a única forma legítima de expressão. O ponto central é reconhecer se a escolha é vivida com liberdade ou condicionada por constrangimentos e discriminações.

A classificação dos cabelos como “bons” e “ruins” revela uma hierarquia racializada. O cabelo crespo, volumoso ou cacheado passa a ser percebido como algo que precisa ser domado, reduzido ou transformado. A linguagem presente em produtos e propagandas, quando trata o volume como defeito, pode reforçar essa lógica. Assim, a crítica não se dirige ao cuidado capilar ou ao uso de produtos, mas à ideia de que uma textura específica precisa ser corrigida para que a pessoa seja considerada bonita ou adequada.

Cabelo natural, identidade e resistência

Os depoimentos também revelam processos de mudança na relação das participantes com seus cabelos. Algumas descrevem sentimentos de bem-estar, autenticidade e satisfação ao manter os fios crespos ou cacheados. Uma entrevistada afirma que o cabelo faz parte de sua essência; outra o relaciona à beleza natural da mulher. Esses relatos indicam que a valorização do cabelo pode representar uma forma de

reconstruir a autoestima e contestar padrões que historicamente desqualificaram a estética negra.

A pesquisa registra, ainda, que algumas participantes passaram por experiências de alisamento e posteriormente decidiram retornar à textura natural. Outras demonstraram satisfação com os cabelos lisos. Essa diversidade precisa ser respeitada: a afirmação da identidade negra não deve converter-se em uma nova obrigação estética. O enfrentamento ao racismo consiste em garantir que mulheres negras possam escolher como usar seus cabelos sem sofrer discriminação ou pressão para corresponder a um modelo.

Também foram relatadas mudanças na disponibilidade de produtos e serviços destinados aos cabelos crespos e cacheados. As participantes observaram maior facilidade para encontrar produtos adequados em comparação com períodos anteriores. Esse movimento representa uma ampliação de possibilidades de cuidado, mas não elimina a necessidade de questionar as representações racistas que persistem na sociedade. A valorização efetiva depende tanto de acesso a produtos e espaços de cuidado quanto de reconhecimento social.

Em conjunto, os resultados mostram que o cabelo ocupa lugar importante na construção das identidades e nas experiências de pertencimento das mulheres negras. Os relatos não devem ser generalizados para todas as mulheres negras, pois expressam trajetórias particulares. Ainda assim, permitem identificar temas recorrentes: a presença do preconceito desde a infância, a pressão do padrão de beleza, as marcas das experiências escolares e a busca por formas mais positivas de se relacionar com a própria aparência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise permite compreender que as relações das mulheres negras com seus cabelos são atravessadas por processos históricos de racialização, por padrões de beleza e por experiências cotidianas de reconhecimento ou discriminação. O cabelo crespo e cacheado, embora seja uma característica física, recebe significados sociais que podem afetar a autoestima e a construção identitária. A oposição entre cabelo “bom” e “ruim” não é neutra: reproduz hierarquias que desvalorizam características associadas à população negra.

Os relatos retomados da pesquisa de 2016 evidenciam que o preconceito pode começar na infância, inclusive no ambiente escolar, e permanecer em diferentes espaços de convivência. Ao mesmo tempo, mostram experiências de valorização dos cabelos naturais, de fortalecimento da autoestima e de afirmação identitária. Essas experiências não devem ser transformadas em um novo padrão obrigatório: o enfrentamento ao racismo exige que cada mulher possa decidir sobre sua aparência sem ser inferiorizada.

Por isso, a escola tem papel importante na construção de práticas antirracistas. É necessário abordar a história e a cultura afro-brasileira de maneira contínua, valorizar diferentes referências de beleza, enfrentar apelidos e comentários discriminatórios e promover o respeito às diferenças. Mais do que falar sobre cabelo, trata-se de discutir como desigualdades são produzidas e como podem ser transformadas.

Conclui-se que valorizar os cabelos crespos e cacheados significa reconhecer a pluralidade das experiências negras e questionar padrões que restringem o direito à diferença. A contribuição deste estudo está em evidenciar que o cabelo é também um espaço de memória, identidade e disputa por reconhecimento, e que a educação pode colaborar para a construção de relações sociais mais respeitosas e igualitárias.

Palavras-chave: Discurso; Cabelo; Identidade; Mulher negra.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dijaimila Pereira de**. Esse cabelo: a tragicomédia de um cabelo crespo que cruza fronteiras**. Lisboa: Leya, 2017.

BRAGA, Amanda. **História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas**. 1. ed. São Carlos: EdUFSCAR, 2015.

COUTINHO, Lúcia Loner (org.). **Antônia sou eu, Antônia é você: identidade de mulheres negras na televisão brasileira**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

GOMES, Nilma Lino. **Cultura negra e educação**. Revista Brasileira de Educação, n. 23, maio/jun./jul./ago. 2003.

GOMES, Nilma Lino**. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2019.

PEREIRA, João Baptista Borges; SILVA, Maria Palmira da. **O negro e a identidade racial brasileira**. In: AUTORES (org.). Racismo no Brasil. ABONG, 2002.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (org.). **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTOS, Luane Bento dos. **Usos e imagens sobre os cabelos crespos das mulheres negras**. 2012. Dissertação (Mestrado em Relações Etnicorraciais) – CEFET-RJ, Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, Maria Nilza da. **A mulher negra**. Revista Espaço Acadêmico, São Paulo, ano II, n. 22, 2003.

QUINTÃO, Adriana Maria Penna. **O que ela tem na cabeça? Um estudo sobre o cabelo como performance identitária.** 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.